

## Direita populista radical na América Latina: os casos da Argentina, Brasil, Chile e El Salvador

Rodrigo Mayer

*Universidade Estadual de Londrina*

### 1 Introdução

A emergência da direita populista radical como um ator político relevante é uma das maiores novidades políticas do século XXI. Nas últimas décadas, a extrema direita – em sua vertente populista radical – chegou ao poder em Argentina, Brasil, El Salvador, Estados Unidos, Hungria, Itália, Polônia, dentre outras nações.

O seu surgimento na América Latina seguiu um caminho diferente do europeu. Na Europa, a direita radical não desapareceu no pós-guerra e se fortaleceu nas últimas décadas com críticas à imigração, à agenda econômica e à expansão dos direitos das minorias. O fenômeno na América Latina é mais recente e é inspirado nos casos de sucessos dos Estados Unidos e dos países europeus, porém, com menor ênfase na questão migratória e maior nas questões de segurança e corrupção.

Seus discursos, plataformas, ações etc. guardam semelhanças e diferenças entre si. Como Shoshan (2021, p. 128) bem argumenta, os elementos locais têm grande peso em suas retóricas e em seus governos. Neste sentido, existe uma mistura entre o que deu certo em outros locais com questões regionais, o que permite a efetividade de suas estratégias.

Este artigo visa compreender, a partir de uma revisão bibliográfica, o surgimento e as características centrais do discurso da direita populista radical em quatro países latino-americanos: Argentina, Brasil, Chile e El Salvador<sup>1</sup>. Argumento que os partidos buscam explorar a imagem de seus fundadores ou de sua principal liderança, ao mesmo tempo, em que procuram capitalizar com os ressentimentos da população com os problemas locais.

O artigo está dividido em quatro partes. Na primeira parte, trato da definição de direita populista radical e de populismo. Na segunda, sintetizo as origens dos quatro partidos analisados. Na terceira, falo da retórica populista empregada pelas agremiações. Por fim, na quarta seção, faço as considerações finais.

---

<sup>1</sup> A escolha dos casos se deu pelo grande desempenho eleitoral da direita radical nestes países, com vitórias nas eleições presidenciais de Argentina (2023), Brasil (2018) e El Salvador (2019), além da ida ao segundo turno nas eleições do Chile (2021).

## 2 Direita populista radical: definições conceituais

Para Mudde (2022), desde a queda do nazismo e do fascismo, a extrema direita<sup>2</sup> reaparece em ondas. A primeira ocorreu logo após a Segunda Guerra Mundial e era composta por antigos apoiadores do nazismo e do fascismo. A segunda onda ocorreu entre as décadas de 1950 e 1980, com o intuito de se opor às transformações sociais do pós-guerra e às políticas do Estado de bem-estar social. A terceira se deu entre 1980 e 2000 e trata do crescimento eleitoral, impulsionado por suas políticas anti-imigrações. Por último, a atual trata da naturalização do extremismo de direita como uma importante força política eleitoral.

Norris (2005) busca compreender os motivos da ascensão da direita radical. Segundo a autora, isso pode ser explicado por meio de três teorias: a) revolta contra a modernidade: trata da reação da pequena burguesia frente ao poder dos grandes empresários e a organização da classe trabalhadora; b) nova clivagem social: seu crescimento ocorre entre os mais vulneráveis aos efeitos da globalização; e c) desalinhamento partidário: erosão do relacionamento dos partidos com o eleitorado abre espaço para novos atores, neste caso, a direita radical.

De forma complementar, Mudde (2022) argumenta que a naturalização da direita radical vem como resposta do eleitorado à incapacidade dos partidos tradicionais em lidar com três crises: segurança, migratória e econômica. A proximidade das políticas – da esquerda e da direita – para lidar com os problemas e as políticas de austeridade abriram espaço para o radicalismo populista de direita<sup>3</sup> (Castells, 2018; Tormey, 2019). Este é definido por Mudde (2022) como uma vertente da direita<sup>4</sup>, baseada no nativismo, que aceita eleições, mas rejeita princípios democráticos fundamentais, como o Estado de direito, a separação dos poderes e os direitos das minorias.

Dito isso, é importante definir o que é populismo. De forma sintética, ele trata da oposição entre dos grupos antagônicos e homogêneos: o povo e a elite (Casullo, 2019; De la Torre, 2019; Finchesltein, 2019; Freidenberg; Casullo, 2018; Mudde; Rovira Kaltwasser, 2017; Peruzzotti, 2017, 2019; Urbinatti, 2019). O primeiro é tratado como uma entidade pura, que deve ser defendida das ações da elite. A segunda é retratada como corrupta e as causas de todos os males da nação (Casullo, 2019; Finchesltein, 2019; Mudde; Rovira Kaltwasser, 2017; Peruzzotti, 2017, 2019).

A construção de quem faz parte do povo e quem compõe a elite é central para a retórica populista. O povo não necessariamente se refere a uma classe social específica (Casullo, 2019), mas a uma construção por parte da liderança, que pode abranger mais de uma classe – ou etnia – em seu interior. Do mesmo modo, a elite também é construída pelo líder. Em sua construção ela pode envolver inimigos internos e externos, os quais são causas dos males morais (inimigo interno) e ameaças a existência e desenvolvimento da nação (inimigo externo) (Casullo, 2019).

---

<sup>2</sup> Ignazi (1992) classifica a extrema direita em dois grupos: 1) legendas que buscam se colocar como herdeiras dos antigos partidos nazistas e fascistas; 2) agremiações construídas em oposição às transformações socioculturais do pós-segunda guerra mundial.

<sup>3</sup> Von Beyme (1988) argumenta que o radicalismo de direita é resultado da vingança da classe média para com o sistema político.

<sup>4</sup> Mudde (2022) diferencia o populismo radical de direita da ultradireita. Esta é definida como uma corrente de direita que rejeita a própria democracia.

O populismo também pode ser compreendido como a estratégia utilizada por políticos em tempos de crise, principalmente de representação, no qual eles buscam se contrapor e ocupar o espaço dos partidos tradicionais. Os populistas têm mais incentivos para criação de novos partidos do que atuar no interior dos partidos tradicionais. As lideranças têm baixa lealdade para com as legendas e as consideram apenas como uma espécie de ferramenta para a promoção de seus objetivos, sem interesse em institucionalizá-las. Partidos existentes podem ser colonizados ou hackeados por grupos da direita radical de modo a utilizar sua estrutura para mobilizar seus apoiadores (Gerbaudo, 2019; Nobre, 2022). Segundo Gerbaudo (2019), isso consistiria em uma nova forma partidária: o partido digital. Este novo partido não busca se institucionalizar, e sim se consolidar como uma ferramenta de mobilização e de conquista de poder pelo seu líder.

Por fim, é importante diferenciar o populismo de esquerda do populismo de direita. Segundo Laclau (2005), o populismo trata-se da integração de uma grande massa populacional excluída pelas oligarquias dos assuntos públicos. Para o autor, ele não seria uma doença que aflige os regimes democráticos, mas a sua verdadeira expressão (Panizza, 2005; Laclau, 2005; Laclau; Mouffe, 1985; Mouffe, 2018; Peruzzotti, 2019).

### 3 A direita populista radical na América Latina: surgimento

A direita populista radical cresceu e se consolidou a partir do desgaste dos partidos tradicionais. Para além disso, houve uma alteração no perfil dos partidos políticos, que passaram a enfatizar mais as suas imagens do que a representação de interesses de classes sociais.

Para Norris (2005), ao longo da história, a direita radical contou com diversos partidos de curta duração que não chegaram a construir raízes devido a insucessos eleitorais. Porém, a autora argumenta que algumas das legendas, como a Frente Nacional na França, criaram raízes junto ao eleitorado e se consolidaram na arena política.

A situação latino-americana é recente se comparada à europeia. A emergência da direita radical não ocorreu a partir de ondas contínuas, mas de modo mais fragmentado e, sua emergência como um ator central nos sistemas políticos se deu apenas no século XXI com a radicalização de setores da direita, inspirados nos casos da Hungria, Polônia, Turquia, Estados Unidos e Reino Unido.

**Quadro 1** - Fundação dos partidos de direita populista radical (Argentina, Brasil, Chile e El Salvador)

País	Partido	Ano de fundação	Principal liderança
Argentina	La Libertad Avanza	2021	Javier Milei
Brasil	Partido Liberal	1985	Jair Bolsonaro
Chile	Partido Republicano	2019	José Antonio Kast
El Salvador	Nuevas Ideas	2018	Nayib Bukele

Fonte: Elaboração do autor com base na bibliografia sobre os partidos.

#### Argentina

A coalizão La Libertad Avanza (LLA) foi criada em 2021 para disputa das eleições de meio-termo argentinas daquele ano. Sua origem remonta ao crescimento da direita argentina na arena eleitoral a

partir de 2015 e às cisões deste grupo após 2018 devido à piora da economia sob o governo Macri (Morresi; Ramos, 2023).

Para Morresi e Ramos (2023), a redemocratização da Argentina em 1983 apresentou uma direita que respeitava a democracia e buscava chegar ao poder mediante eleições. Isso ocorreu em 2015, com a vitória da coalização Cambiemos<sup>5</sup>, encabeçada por Mauricio Macri. Cambiemos, em seu interior, conseguiu unificar duas correntes da direita do país: a) os nacionais-reacionários: partem do princípio que o país deve ser protegido de ameaças internas e externas (com destaque para os comunistas); e b) liberal-cosmopolita: defesa de uma sociedade hierarquizada e da economia liberal (Morresi; Saferstein; Vicente, 2021; Stefanoni, 2021).

Durante o governo Macri, setores da direita romperam com o governo devido ao desempenho econômico e a um certo progressismo do governo ao debater a questão do aborto no Congresso Nacional. Os problemas na coalizão de Macri abriram espaço para candidatos mais à direita nas eleições presidenciais de 2019, o que, para Morresi e Ramos (2023), levou à radicalização de Macri.

Com a vitória do peronismo em 2019 e a crise no Cambiemos, abriu-se espaço para uma nova alternativa à direita, que ganhou força nas ruas e nas redes sociais durante a pandemia de Covid-19 (Morresi, 2021; Morresi; Saferstein; Vicente, 2021). Este grupo logo se identificou com o economista Javier Milei, que despontou como uma nova liderança populista radical de direita. Sob sua liderança, a LLA teve grande desempenho nas eleições de 2021 e chegou à presidência nas eleições de 2023 (Morresi; Ramos, 2023).

## Brasil

O Partido Liberal foi fundado em 1985<sup>6</sup> e, até as eleições de 2022, era um típico partido do Centrão<sup>7</sup> (Mayer, no prelo). Sua transformação em uma das maiores legendas brasileiras veio da decisão de se alugar ao bolsonarismo<sup>8</sup> e, assim, servir de moradia para a direita populista radical brasileira (Mayer, no prelo). Diferentemente dos outros casos aqui tratados, Jair Bolsonaro não conseguiu criar um partido à sua imagem e semelhança. Apesar de relevante, o PL era um típico partido de direita fisiológica, o que facilitou a radicalização de seu programa com a entrada de um novo grupo político.

Sua ocupação voluntária pela direita populista radical é fruto de uma estratégia de crescimento da legenda, a qual ganha relevância na política nacional e acesso a mais recursos estatais. Neste sentido, o bolsonarismo adentra em um partido mais estruturado e com maior capacidade para mobilização de seus seguidores.

## Chile

Segundo a literatura especializada, o Chile, junto do Uruguai e da Costa Rica, é um dos países com partidos e sistemas partidários mais estáveis da região, com a competição girando por muito tempo em torno de dois grandes blocos. O primeiro (Concertación) representado pelas forças que se

<sup>5</sup> Atualmente, conhecida como Juntos por el Cambio (JPC).

<sup>6</sup> Em 2006, o PL se fundiu com o PRONA, dando origem ao Partido da República. Em 2019, a legenda voltou a adotar a alcunha PL (Mayer, no prelo).

<sup>7</sup> O partido fez parte da coalizão governamental dos dois primeiros governos Lula, tendo indicado o vice-presidente (José Alencar), nas eleições de 2002 e 2006.

<sup>8</sup> A saída do PSL ocorreu devido a disputas pelo controle da legenda (Mayer, no prelo).

opuseram à ditadura e, segundo Levitsky e Roberts (2011), consiste em um exemplo de esquerda moderada e social-democrata. O segundo bloco (Alianza) é composto por partidos cujos membros apoiarem direta ou indiretamente a ditadura de Pinochet e se colocaram como herdeiros de suas políticas, mesmo com os ônus que traz esta opção (Rovira Kaltwasser, 2019).

A estruturação do sistema em duas grandes coalizões com forças parlamentares semelhantes trouxe estabilidade para o sistema, porém, nos últimos tempos as coalizões sofreram abalos como a dissolução da *Concertacion* em 2013 e o aparecimento de uma nova força de direita (Partido Republicano), fundado em 2019 por José Antonio Kast, que conseguiu rivalizar com os dois principais partidos tradicionais de direita do país<sup>9</sup>.

Kast enxergou na formação de um novo partido uma forma eficiente de capitalizar o seu bom desempenho, como independente, nas eleições presidenciais de 2017. Segundo Rovira Kaltwasser (2019), nos últimos anos a direita chilena atravessou por um momento de moderação, no qual acompanhou a sociedade em se tornar mais liberal nos costumes. Os republicanos buscaram aproveitar esta “moderação” ao defender temas conservadores, como segurança pública, defesa do mercado – e da herança do governo Pinochet – e contrário à liberalização do aborto e ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, por exemplo (Duchieade, 2021). O (neo)liberalismo e o livre mercado são tratados como a solução mágica para todos os problemas. Para Kast e seu partido, a diminuição do Estado trará maior desenvolvimento, eficiência e transparência. A legenda também se aproveitou da crise dos pactos e dos escândalos de corrupção dos governos anteriores para buscar se colocar como uma legenda que irá realizar uma cruzada moral contra a corrupção.

## El Salvador

A ascensão de Nayib Bukele à presidência veio com o desgaste do sistema partidário salvadorenho que vigorou após os Acordos de Paz de 1992, que pôs fim ao longo conflito armado do país (Aguilar; Rodríguez; Santos, 2023).

Este sistema, dominado pela ARENA e pelo FMLN, dominou a política do país entre 1992 e 2019, sendo denominado de elitismo competitivo por Artiga González et al. (2022). Segundo Aguilar; Rodríguez; Santos (2023), o sistema apresentou graves problemas em termos de transparência, permanência de resquícios autoritários do período anterior, escândalos de corrupção e índices crescentes de criminalidade e violência.

A forte crise de representação pavimentou a emergência de Bukele, que não era um completo *outsider* do sistema, tendo sido filiado a FMLN antes de ingressar ao GANA, uma legenda de direita para a disputa do pleito de 2019, pois o partido criado por ele (Nuevas Ideias) não conseguiu a regularização a tempo (Aguilar; Rodríguez; Santos, 2023). A facilidade de passar da esquerda para a direita é uma característica do populista, que transita entre os campos conforme o momento e com os temas.

---

<sup>9</sup> A RN e a UDI não são os únicos partidos de direita do país, mas sim os mais relevantes. Outro importante partido de direita do país é o Evópoli, o qual se assemelha mais a chamada nova direita.

#### 4 Direita populista radical: retórica

A direita populista radical organiza o mundo de modo binário ao separar seus apoiadores (o lado do bem) de seus opositores (o lado do mal). Esta estratégia de simplificação, aliada à cruzada moral, visa fornecer um senso de pertencimento a um grupo por parte de seus simpatizantes.

O outro é retratado como um inimigo, como alguém que torce ou trabalha contra os interesses do país, contra seu desenvolvimento. A necessidade de construção de inimigos e de embate é constante, pois atua na mobilização de seus apoiadores e, também, na deslegitimação do outro, considerado como culpado por todos os problemas. Neste caso, o discurso de bem contra o mal da nação busca culpados imaginários, ao mesmo tempo em que se colocam como os verdadeiros heróis, os salvadores da nação.

A teatralidade também está inserida na distinção do mundo entre eles contra o resto. Slogans, discursos, frases, performances, posts, personagens e, até mesmo, uso de fantasias evocam o papel do herói que irá combater os inimigos (internos e externos).

Ao recorrer ao populismo, a direita radical busca se aproximar da população, colocando-se como a única força possível de vencer as divisões nacionais e combater os inimigos nacionais. Ao mesmo tempo, o populismo encobre as partes impopulares de seus programas econômicos, ou seja, o populismo possibilita que eles se aproximem de um eleitorado maior – principalmente os mais pobres, ao mesmo tempo, em que permanecem fiéis aos seus preceitos econômicos (Zanotti; Roberts, 2021).

Javier Milei tomou posse como presidente da Argentina em 10/12/2023. Sua ascensão ao poder foi marcada pelo descontentamento da população com o desempenho econômico dos dois últimos governos (Vommaro, 2023). Sua campanha logrou em capitalizar o ressentimento da população para com a classe política, à qual ele se referia como membros de uma casta, pois se aproveitam dos recursos estatais para proveito próprio<sup>10</sup>.

A liberdade foi o mote principal de sua campanha. Milei se define como um libertário, ou seja, considera a liberdade individual o principal valor político e é contrário a qualquer forma de submissão. O Estado é retratado como o principal inimigo<sup>11</sup>, que deve ter seu tamanho reduzido ao máximo possível<sup>12</sup>. Sua ideia de liberdade e seu plano de governo se resumem à exploração por parte do mercado<sup>13</sup>, com corte de subsídios e direitos, e a liberdade de expressão irrestrita, a qual é amplamente utilizada para propagação de *fake news*.

Após os anúncios de duras medidas econômicas, o governo Milei anunciou que reprimiria de forma violenta protestos contra o governo, com ameaças de deportações, prisões e perdas de benefícios sociais para aqueles que participassem de manifestações que bloqueassem as ruas. Não seria exagero afirmar que para o atual governante argentino, a liberdade é apenas para o mercado, com o direito à contestação sendo limitado.

<sup>10</sup> Após as eleições, Milei nomeou vários membros do governo Macri em postos-chaves de sua administração.

<sup>11</sup> O segundo ato de seu governo foi revogar a legislação que proíbe o nepotismo para nomear a irmã secretária-geral da presidência.

<sup>12</sup> Durante a campanha, Milei prometeu acabar com o Banco Central argentino e dolarizar a economia. Após a posse, nomeou um ex-membro do governo Macri como presidente da instituição, que declarou que o Banco não será fechado (CNN, 2023).

<sup>13</sup> Uma das primeiras medidas de Milei foi possibilitar que salários e aluguéis fossem pagos com *bitcoin*, carne, leite ou outros produtos.

A construção de sua imagem de *outsider* foi construída ao longo dos anos a partir de seus discursos, inclusive com grande participação em programas de televisão. A formação de uma coalizão fora das principais forças reforça a sua figura de não político.

A figura antissistema também é reforçada em seus atos, com uso de uma motosserra para falar do combate à casta e se fantasiar de super-herói em eventos. A questão performática visa atrair o eleitorado descontente, os jovens e, principalmente, diferenciá-lo dos políticos tradicionais.

Finchelstein (2023) fala da aproximação do presidente argentino com o fascismo. Para o historiador, Milei possui uma visão fundamentalista da política, na qual inexistem alternativas que não a sua visão de mundo. Segundo Finchelstein (2023), toda a questão performática – e a loucura – do atual mandatário são peças para encobrir o seu desprezo pela democracia e a sua visão autoritária de mundo.

Em 2018, o Brasil dobrou à direita (Avritzer, 2019; Nicolau, 2020). A ascensão da direita radical ocorreu pelo desgaste dos partidos tradicionais brasileiros e pela reação às transformações que a sociedade brasileira atravessou nas últimas décadas.

A longa crise política que o país vivenciou nos anos 2010 abriu espaço para o aparecimento de novas forças de direita. Desgastada por escândalos de corrupção e pela impopularidade do governo Temer, a direita tradicional não conseguiu resistir aos avanços da direita radical sobre seu eleitorado.

A década passada viu o fortalecimento de movimentos sociais de direita<sup>14</sup> (Borges; Vidigal, 2023; Casimiro, 2018; Rocha, 2018, 2021). Estes passaram a influenciar o debate público com seu posicionamento interestatal e a favor do liberalismo econômico. O antipetismo também esteve presente com o partido sendo associado à corrupção, ao clientelismo e a crise econômica.

Borges e Vidigal (2023) também argumentam que ocorreu uma expansão das ofertas de partidos de direita no país, como Novo e Republicanos, por exemplo. Também tivemos um reposicionamento de marca de alguns partidos, com o PSL sendo colonizado pela direita populista radical e o Podemos (antigo PTN) abraçando o lava-jatismo.

Outra marca foi o avanço do conservadorismo moral. Aliado a setores evangélicos<sup>15</sup>, a direita radical entrou em uma espécie de guerra cultural contra avanços progressistas<sup>16</sup>, como casamento entre pessoas do mesmo sexo e aborto, por exemplo (Bohn, 2007; Camurça, 2020).

Bolsonaro foi eleito durante a onda populista radical de direita da última década. Em seus discursos prometia acabar com a velha política e governar com pulso firme, não tolerando corrupção ou a criminalidade. No entanto, o que se viu em seu governo foi o desmonte de organismos de controle e transparência, além de uma política armamentista sem muito controle.

Segundo Borges e Vidigal (2023), Bolsonaro possui uma visão autoritária de mundo. Para os autores, isso não se refere apenas ao apoio de uma ditadura, mas também na defesa de maior repressão em nome da defesa da ordem e dos valores tradicionais.

---

<sup>14</sup> Para Rocha (2018, 2021) movimentos sociais de direita já estavam organizados desde o começo da Nova República.

<sup>15</sup> Os evangélicos entraram na política para conquistar os mesmos benefícios dados a Igreja Católica (Dip, 2019). Inicialmente sua atuação era pragmática, mas a partir da última década, passaram a defender um conservadorismo moral como reação à agenda progressista (Borges; Vidigal, 2023; Camurça, 2020).

<sup>16</sup> Para Vieira (2018), o fundamentalismo religioso tem origem em uma interpretação da bíblia, na qual somente ela contém a verdade absoluta.

Do mesmo modo que Bukele, Bolsonaro não concorreu à presidência por um partido construído ao seu redor, mas por um alugado (PSL). Diferentemente do presidente salvadorenho, o ex-presidente brasileiro não conseguiu criar um partido e, devido a conflitos pelo controle do PSL, migrou para o PL, pelo qual concorreu à reeleição. Como falado anteriormente, os partidos são tratados como meros instrumentos pelo populista de direita. A fonte de poder não está na legenda, mas na figura da liderança, que pode levar seu capital político como recurso para o partido, porém, sem ter como objetivo a consolidação da legenda de forma autônoma a ele.

Seu governo foi marcado pela tentativa de diminuição do Estado e de destruição de políticas públicas em praticamente todas as áreas. Durante quatro anos foram desmanteladas políticas de: saúde (com destaque para queda dos índices de vacinação), ciência e educação (cortes de verbas); de gênero (diminuição dos recursos para proteção as mulheres e ausências de políticas de equidade de gênero, por exemplo), para LGBTQIA+ (corte de políticas públicas), negros (desestruturação de políticas públicas), indígenas (falta de fiscalização com garimpo ilegal, precariedade no auxílio, entre outros) etc.

Conflitos foram constantes no governo Bolsonaro. O ex-presidente não focou em apenas um inimigo, mas em vários: movimentos sociais, esquerda, sindicatos, Congresso Nacional, governadores, imprensa, judiciário etc. Foram muitos os que foram acusados de trabalharem contra o Brasil.

O grande número de inimigos – e a constante troca de quem é considerado culpado – é uma estratégia de justificar eventuais fracassos e problemas do governo, além de manter a militância ativa.

Durante seu governo, Bolsonaro se manteve em estado de campanha permanente com uso intensivo das redes sociais (principalmente Twitter e Youtube) e “motociatas”. Além de animar a militância, a campanha permanente serve para pautar a agenda e diminuir o espaço de temas sensíveis ao governo no debate público.

Após a derrota nas eleições de 2022, apoiadores de Bolsonaro se reuniram na frente de quartéis e invadiram a Praça dos Três Poderes em janeiro de 2023, em uma tentativa de golpe de Estado. A não aceitação dos resultados eleitorais exemplifica bem a criação de uma realidade paralela por parte do populismo de direita. Para eles, a derrota eleitoral é produto de fraude e de um golpe engendrado por forças poderosas que almejam impedir o desenvolvimento da nação.

No caso do Chile, a diminuição do papel do Estado na economia e na sociedade é uma das principais bandeiras do Partido Republicano (Alenda; Le Foulon; Suárez-Cao, 2019; Campos, 2021; Madariaga; Rovira Kaltwasser, 2020). O Estado, para a legenda, deve prover o mínimo necessário para não gerar dependência e promover a liberdade, entendida nos termos de não interferência estatal na economia e na propriedade privada, bem como o aproveitamento da liberdade por parte dos indivíduos (Campos, 2021).

Segurança pública é outro tema central para a direita radical chilena. Kast em suas declarações defende uma política de linha dura, o combate a desordem promovida pelos movimentos sociais<sup>17</sup> e defende a valorização das polícias e das forças armadas. As questões dos direitos humanos e as ditaduras militares consistem em uma grande fonte de desgaste para as legendas. O Partido

---

<sup>17</sup> O Partido Republicano fala que a esquerda e os movimentos sociais são fontes de agitação e violência ao promoverem uma espécie de terrorismo ideológico.



Republicano defende o legado de Pinochet, ao mesmo tempo, em que fala que se deve virar a página em relação aos crimes cometidos pela ditadura.

Questões de gênero também são trabalhadas pela legenda. Em seus documentos, o PR se coloca contra a chamada “ideologia de gênero”, a qual é retratada como uma ameaça às crianças, pois vai contra o sexo biológico e natural, além de ideologizar o debate (Orellana, 2018). O líder radical também se mostra crítico a população LGBTQ+. Kast<sup>18</sup> argumenta que a família – composta por esposa e marido – dá sustentação à sociedade e se posiciona contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Por fim, as questões indígena e migratória merecem destaque. Para o principal nome do Partido Republicano, a construção de um Estado plurinacional, com o reconhecimento das nações indígenas, é uma ameaça à unidade nacional. Em relação à migração, inspirado na proposta de Trump de construir um muro com o México, o extremista defende a construção de fossos para impedir a entrada de imigrantes (Duchiade, 2021; Laborde, 2023).

De sua parte, o atual mandatário de El Salvador, Nayib Bukele, deu uma nova roupagem para o populismo clássico. Ele se colocou como aquele que irá salvar o povo, os cidadãos de bem salvadorenhos das garras das elites corruptas e da violência da sociedade e irá guiá-la para um futuro grandioso. Como novidade, ele utiliza as redes sociais e grandes eventos como canais de comunicação com a população e para anunciar medidas de seu governo (Aguilar; Rodríguez; Santos, 2023; Casullo; Brown Araúz, 2023).

A ideia de modernidade<sup>19</sup> e de algo novo está presente em suas ações, símbolos e discursos, como o nome de seu partido, por exemplo. Outro exemplo de sua fixação com o novo e com o futuro vem da adoção do *bitcoin* como uma das moedas oficiais do país e o anúncio da construção de uma nova cidade, Bitcoin City (Aguilar; Rodríguez; Santos, 2023; Casullo; Brown Araúz, 2023).

Sua imagem também busca refletir a ideia de modernidade. Suas roupas (incluindo o uso constante de um boné de beisebol virado para trás), sua aparência, suas referências a Steve Jobs e o uso das redes sociais (antigo Twitter, atual X, Facebook, Instragram) buscam marcar território em relação ao restante da classe política.

A retórica populista trata da oposição entre um povo puro e uma elite corrupta, com o líder atuando como um salvador, por vezes messiânico, do povo. Para Casullo (2019), o líder constrói inimigos internos e externos de modo a legitimar suas ações. No caso de Bukele, ele conseguiu unificar as ameaças internas e externas na questão de segurança, apontando a comunidade internacional como uma das responsáveis pela situação do país.

Aguilar; Rodríguez; Santos (2023) argumentam que Bukele recorre ao populismo penal como política de segurança pública. Esta vertente populista se baseia na percepção das pessoas comuns para definição das ações dos governos na área (Pratt, 2014; Pratt; Miao, 2017). Para Pratt (2014), o populismo penal é causado pelo ressentimento da sociedade frente à classe política, a qual é vista como protetora de setores privilegiados. Também é reflexo da crise de confiança da população na

---

<sup>18</sup> Ele se coloca como um católico conservador, fato que é utilizado para justificar seu posicionamento em relação aos avanços em termos de gênero, sexualidade, direitos indígenas etc.

<sup>19</sup> Quando era prefeito de San Salvador, Bukele organizou um evento de Pokemon Go, o qual também incluiu um concurso de *cosplay*.

classe política, dos efeitos negativos do processo de globalização e pela atuação da mídia<sup>20</sup> (Pratt, 2014; Pratt; Miao, 2017). Ainda segundo o autor, esta corrente não é baseada em pesquisas, mas somente na percepção de que as pessoas comuns possuem da criminalidade no país.

Importante salientar que o populismo penal é diferente do populismo autoritário. Para Pratt e Miao (2017), este ocorre por meio da substituição das antigas elites e pelo aparecimento de uma nova, que impõe sua visão iliberal de mundo para a sociedade.

Pode-se argumentar que Bukele flerta com os dois tipos de populismo descritos acima. Com o penal servindo de base para sua política de enfrentamento das gangues e de encarceramento em massa da população salvadorenha e o autoritário, ao buscar subverter a legislação do país – neste caso, concorrendo à reeleição, o que não é permitido pela Constituição do país – para dar continuidade ao seu governo e ao combate dos inimigos internos e externos identificados por ele.

Bukele também alterou os inimigos internos como uma estratégia para ganhar mais legitimidade (Aguilar; Rodríguez; Santos, 2023). Saíram as elites corruptas e os meios de comunicação e entraram as mulheres, os imigrantes, população LGBTQIA+, entre outros como os principais inimigos da ação. A mudança de alvo é uma estratégia que visa adaptar o discurso a conjuntura do momento e manter sua base mobilizada.

O mandatário salvadorenho, inspirado nos autocratas europeus, reformou o judiciário, aposentou compulsoriamente quase um terço dos juízes do país e nomeou aliados, sob a justificativa que o Poder Judiciário servia a elite e estava contaminado pela corrupção (Miranda, 2021). A reforma judicial permitiu que Bukele conseguisse se inscrever como candidato à reeleição, a partir de uma interpretação “criativa” das regras por parte dos magistrados, ao afirmarem que ele poderia se candidatar desde que pedisse uma licença para disputar o cargo.

## 5 Considerações finais

LLA, PR e Nuevas Ideas foram fundados nos últimos anos ao redor de suas principais lideranças. Suas origens remontam a estratégias de criação de alternativas radicais à direita (LLA e PR) e à construção de um partido que seguisse as orientações de seu fundador (Nuevas Ideas). No caso salvadorenho, Bukele se posiciona na direita populista radical, mas também adota uma postura pragmática ao acenar para à esquerda com políticas sociais (Aguilar; Rodríguez; Santos, 2023).

O PL tem uma origem diferente. O partido foi fundado na década de 1980 e, desde sua fundação, fez parte do Centrão (Mayer, no prelo). Com a ascensão conservadora no país, o partido viu a chance de crescer eleitoralmente ao ser alugado para o bolsonarismo. A guinada à direita populista radical, portanto, foi motivada por ambição pragmática da direção dos liberais, o que levou também a uma transformação programática do partido.

Conforme dito anteriormente, a direita populista radical organiza o mundo de modo binário. A simplificação é basicamente um modo de separação da sociedade, em que eles posicionam seus apoiadores (os que estão do lado do bem, os patriotas) dos opositores (as forças do mal, os inimigos da

---

<sup>20</sup> Segundo Pratt (2014), o acirramento da competição dos canais de informação por audiência levou ao crescimento do sensacionalismo e da exposição da violência.

nação). A separação não é estática, com os populistas radicais de direita alterando aliados e inimigos conforme a necessidade.

A construção da imagem de antissistema é fundamental para o populista radical de direita. Para isso, eles recorrem à construção de novos partidos (ou ao aluguel de partidos), discursos, bordões, símbolos e tudo mais que sirva para reforçar a figura de alguém de fora do sistema.

Muitas vezes suas performances são toscas (como as motociatas de Bolsonaro), beirando ao ridículo – como Milei se fantasiando de super-herói, por exemplo –, mas elas são pensadas para viralizar nas redes sociais, de aproximar do conteúdo consumido pelo eleitorado<sup>21</sup> e se diferenciar dos demais políticos. A loucura – e a bizarrice – é um método.

Outras vezes, a imagem é construída como alguém moderno, com pensamentos diferentes dos políticos, que quer adentrar na política para enfrentar os problemas com novas ideias. Bukele é maior exemplo. Por fim, Kast se posta como uma pessoa calma, que defende os valores tradicionais – e católicos – frente às mudanças da sociedade.

Todos os quatro casos analisados se colocam como antissistema e defensores da liberdade. Suas políticas são voltadas para o mercado e para o grande empresariado. Como justificativa, eles argumentam que são contrários à ordem global e o empresariado também é vítima do sistema. Definir o sistema de modo vago é uma estratégia para disfarçar suas ações pró-mercado.

A própria ideia de liberdade para eles é vaga. A liberdade não trata da questão do corpo (tanto que eles se colocam contra a liberação de drogas e aborto) e da expansão de direitos<sup>22</sup>, mas de liberdade de não serem responsabilizados por suas ações e da liberdade do mercado.

Para além das questões acima, a liberdade também é utilizada como uma forma de distinção, ou seja, ela é restrita aos apoiadores do extremista, e não a os demais. A organização binária do mundo distingue entre quem possui o direito de usufruir da liberdade professada pelos extremistas e quem não possui.

A construção dos inimigos é central para o populista radical de direita. Não trata apenas da divisão da sociedade entre os ordeiros (que possuem o direito à liberdade) e os desordeiros (que devem ser severamente punidos). Trata-se de uma estratégia eleitoral, de conseguir se aproximar de um eleitorado não afeito ao seu programa econômico, mas que se mostra disponível para punir quem é retratado como o causador dos problemas nacionais. A construção do inimigo é central na guerra cultural anunciada, pois ao se vincular com a questão econômica, permite uma agenda regressiva nos direitos (civis, políticos e sociais), ao mesmo tempo, em que implementa uma agenda econômica neoliberal.

O uso de notícias falsas é uma arma utilizada para reduzir a confiança e a credibilidade das pessoas nos governos e nos adversários (Soshan, 2021). O uso de mentiras sempre existiu na política, porém, o radicalismo de direita a utiliza não apenas como forma de desgaste de adversários, mas como uma negação da nossa própria realidade. Sua propagação funciona como uma espécie de

---

<sup>21</sup> Durante seu mandato, Bolsonaro teve por costume utilizar camisas de futebol em aparições públicas para mostrar que era um homem do povo.

<sup>22</sup> Bolsonaro, Bukele, Kast e Milei defendem um Estado autoritário, em que a repressão é utilizada para aqueles que se voltam contra o *status quo*.

câmara de eco, em que as certezas – mesmo infundadas – dos indivíduos são reverberadas e concorrem com os fatos.

Todos os populistas de direita descritos aqui utilizam *fake news* para desgastar adversários e governos, além de reforçar a sua própria imagem. Kast acusou a ex-presidente Michelle Bachelet de associação ao tráfico humano. Bolsonaro superdimensionou os números de seu governo, de participantes em suas motociatas e de manifestações de apoio, e utilizou de notícias falsas em série para atacar a imprensa e a oposição. Milei divulgou falsos saques nas províncias do país, além de questionar o número de mortos pela ditadura de seu país. Por último, Bukele utiliza as notícias falsas para exaltar sua administração e atacar seus adversários.

O autoritarismo penal é uma característica comum dos quatro casos. Todos defendem maior repressão e uma sociedade mais ordeira. Bukele é o exemplo e a inspiração dos demais, com sua política de aprisionamento em massa<sup>23</sup> e reforma judicial. Bolsonaro<sup>24</sup>, Kast e Milei incluem nas suas versões do populismo penal a defesa dos regimes ditatoriais de seus países.

A direita populista radical relaciona os problemas da sociedade com as transformações sociais das últimas décadas. Os problemas econômicos, políticos e sociais – para eles – são causados pelo avanço do feminismo, da esquerda, do movimento negro e indígena, das mudanças sociais etc.

Novamente, temos uma simplificação da realidade e das soluções como forma de capitalizar politicamente. A atribuição dos problemas aos inimigos da nação também serve para se aproximar de um eleitorado pouco afeito à sua agenda econômica.

Bukele conseguiu capitalizar em torno de problemas econômicos, de seguranças e de escândalos de corrupção para quebrar a hegemonia da ARENA e da FMLN. O pragmatismo do mandatário salvadoreño permite que ele transite entre diferentes estratégias populistas e, até mesmo, flerte com temas de esquerda, como desigualdade social, por exemplo.

Bolsonaro saiu de um inexpressivo deputado federal do Centrão para a presidência da República. Sua campanha explorou a crise política e econômica do país, além de se aproveitar do crescimento de movimentos conservadores no país. O ex-presidente brasileiro vendeu a imagem de político fora do sistema, que iria ser linha dura na segurança e não se renderia ao Centrão. No entanto, ao longo de seu mandato, interferiu na Polícia Federal e “terceirizou” o governo para o Centrão.

Dos casos analisados, Kast é o único que, até o momento, não foi eleito presidente. Sua popularidade vem do desgaste da direita tradicional, de sua tentativa de resgatar o legado da ditadura de Pinochet, a defesa dos valores tradicionais e o combate às transformações sociais. Kast também defende uma política de segurança linha dura e repressão a protestos. De forma resumida, o chileno se coloca como um extremista de direita que busca ser o herdeiro e protetor do legado de Pinochet.

Por fim, Milei, como Bolsonaro, aproveitou a crise econômica e do desgaste dos partidos tradicionais para ascender ao poder. Do mesmo modo que o ex-presidente brasileiro, Milei prometeu combater as elites e adotar uma política econômica liberal. O mandatário argentino prega a redução do Estado e a liberdade, porém, esta, até o momento, é restrita à desregulamentação da economia, com o presidente anunciando a repressão dos protestos.

---

<sup>23</sup> Bukele é acusado de utilizar o estado de emergência do país, proclamado em 2022, para perseguir adversários.

<sup>24</sup> Enquanto deputado, Jair Bolsonaro homenageou membros da milícia carioca.

A direita populista radical latino-americana aproveitou as crises locais para se colocar como alternativa. Ela buscou explorar os ressentimentos da população para com crises (econômicas, políticas e sociais) e transformações sociais em capital eleitoral.

Apesar de adentrarem no poder por vias democráticas, a direita populista radical busca subverter a democracia e permanecer no poder, como a tentativa frustrada de golpe praticada pelos bolsonaristas e pela reforma do sistema jurídico de Bukele, a qual possibilitou que ele concorresse a reeleição, mesmo sendo proibido pela Constituição de El Salvador.

### Referências

AGUILAR, Luis Eduardo; RODRÍGUEZ, Luis Mario; SANTOS, Gabriela. De la partidocracia al populismo en El Salvador. In: CASULLO, Maria Esperanza; BROWN ARAÚZ, Harry (Coord.). *El populismo en América Latina: la pieza que falta para comprender un fenómeno global*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2023, p. 205-245.

ALENDÁ, Stéphanie; LE FOULON, Carmen; SUÁREZ-CAO, Julietta. La batalla por las ideas en tiempos posideológicos: adaptaciones y permanencias ideológicas en la nueva centroderecha chilena. *Revista de Sociología e Política*, v. 27, n. 70, p. 1-18, 2019.

ARTIGA GONZÁLEZ, Álvaro; LÓPEZ ALFARO, Ruth; SANTOS GUARDADO, Ana Gabriela; ORELLANA DUBÓN, Norma; RIVAS TENORIO, Hugo. *El ejercicio del control político institucional sobre el Órgano Ejecutivo en El Salvador*. El Salvador, Departamento de Sociología y Ciencias Políticas y Departamento de Ciencias Jurídicas, UCA. 2022.

AVRITZER, Leonardo. *O pêndulo da democracia*. São Paulo: Todavia, 2019.

BOHN, Simone. Contexto político-eleitoral, minorias religiosas e voto em pleitos presidenciais (2002-2006). *Opinião Pública*, v. 13, n. 2, p. 366-387, 2007.

BORGES, André; VIDIGAL, Robert. Introdução: para entender a nova direita brasileira. In: BORGES, André; VIDIGAL, Robert (Org.). *Para entender a nova direita brasileira: polarização, populismo e antipetismo*. Porto Alegre: Zouk, 2023, p. 1-25.

CAMPOS, Consuelo Campos. El Partido Republicano: el proyecto populista de la derecha radical chilena. *Revista Uruguaya de Ciencia Política*, v. 30, n. 1, p. 106-134, 2021.

CAMURÇA, Marcelo. Um poder evangélico no Estado brasileiro? Mobilização eleitoral, atuação parlamentar e presença no governo Bolsonaro. *Revista Nupem*, v. 12, n. 25, p. 82-104, 2020.

CASTELLS, Manuel. *Ruptura: a crise da democracia liberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CASIMIRO, Henrique Calheiros. As classes dominantes e a nova direita no Brasil contemporâneo. In: SOLANO, Esther (Org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 4-46.

CASULLO, Maria Esperanza. *¿Por qué funciona el populismo?* Buenos Aires: Siglo XXI, 2019.

CASULLO, Maria Esperanza; BROWN ARAÚZ, Harry. Introducción: reconstruyendo mitos populistas en América Central. In: CASULLO, Maria Esperanza; BROWN ARAÚZ, Harry (Coord.). *El populismo en América Latina: la pieza que falta para comprender un fenómeno global*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2023, p. 15-47.

CNN. “Não vai fechar enquanto eu estiver lá”, diz novo presidente do Banco Central da Argentina [Online], CNN, 09 dez. 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/nao-vai-fechar-enquanto-eu-estiver-la-diz-novo-presidente-do-banco-central-da-argentina/>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

DE LA TORRE, Carlos. ¿Quién le teme al populismo? La política entre la redención y el autoritarismo. *Anales de la Cátedra Francisco Suárez*, n. 53, p. 29-51, 2019.

DIP, Andrea. *Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2019.

DUCHIADE, André. Quem é José Antonio Kast, o ultraconservador católico que radicalizou a direita do Chile. *O Globo*, 19 dez. 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/quem-jose-antonio-kast-ultraconservador-catolico-que-radicalizou-direita-do-chile-1-25325377>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

FINCHELSTEIN, Federico. *Do fascismo ao populismo na história*. São Paulo: Almedina, 2019.

FINCHELSTEIN, Federico. “Milei é um populista de extrema direita, um louco ideológico”. Entrevista com Federico Finchelstein” [Online]. *Unisinos*, 22 ago. 2023. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/631642-milei-e-um-populista-de-extrema-direita-um-louco-ideologico-entrevista-com-federico-finchelstein>> Acesso em: 13 dez. 2023.

FREINDENBERG, Flavia; CASULLO, Maria Esperanza. Con líder y con programa: partidos populistas y partidos programáticos en América Latina. *Revista Latinoamericana de Política Comparada*, n. 14, p. 91-112, 2018.

GERBAUDO, Paolo. *The digital party: organization and online democracy*. London: Pluto Press, 2019.

IGNAZI, Piero. The silent counter-revolution: hypotheses on the emergence of extreme right-wing parties in Europe. *European Journal of Political Research*, v. 22, n. 1, p. 3-34, 1992.

LABORDE, Antonia. Caída de la derecha tradicional y nuevos liderazgos: las claves del auge de la ultraderecha en Latinoamérica. *El País*, 25 nov. 2023. Disponível em: <<https://elpais.com/america/2023-11-25/caida-de-la-derecha-tradicional-y-nuevos-liderazgos-las-claves-del-auge-de-la-ultraderecha-en-latinoamerica.html>>. Acesso em: 18 dez. 2023.

LACLAU, Ernesto. *On populist reason*. New York: Verso, 2005.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemony and socialist strategy: towards a radical democratic politics*. London: Verso, 1985.

LEVISTKY, Steven; ROBERTS, Kenneth. Latin America's 'left turn': a framework for analysis. In: LEVISTKY, Steven; ROBERTS, Kenneth (Eds.). *The resurgence of the Latin American left*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2011, p. 1-28.

MADARIAGA, Aldo; ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal. Right-wing moderation, left-wing inertia and political cartelisation in post-transition Chile. *Journal of Latin American Studies*, v. 52, n. 2, p. 343–371, 2020.

MAYER, Rodrigo. *Partidos políticos no Brasil: do Império à Nova República*. 2.ed. Curitiba: InterSaberes. (no prelo).

MIRANDA, Wilfredo. Bukele coloca em aposentadoria compulsória um terço dos 690 juízes de El Salvador. *El País*, 02 set. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2021-09-02/bukele-coloca-em-aposentadoria-compulsoria-um-terco-dos-690-juizes-de-el-salvador.html>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

MORRESI, Sergio. La pandemia como arma de la derecha. *Le Monde Diplomatique*, n. 264, 6 feb. 2021. Disponível em: <<https://www.eldiplo.org/264-los-usospoliticos-de-la-pandemia/la-pandemia-como-arma-de-laderecha/>> . Acesso em: 5 mar. 2024.

MORRESI, Sergio; RAMOS, Hugo. Apuntes sobre el desarrollo de la derecha radical en Argentina: el caso de “La Libertad Avanza”. *Caderno CRH*, v 36, p. 1-18, 2023.

MORRESI, Sergio.; SAFERSTEIN, Ezequiel.; VICENTE, Martín. Ganar la calle. Repertorios, memorias y convergencias de las manifestaciones derechistas argentinas. *Clepsidra: Revista interdisciplinaria de estudios sobre memoria*, v.8, n. 15, p. 134-151, 2021.

MOUFFE, Chantal. *Por un populismo de izquierda*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2018.

MUDDE, Cass. *A extrema direita hoje*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022.

MUDDE, Cass; ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal. *Populism: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

NICOLAU, Jairo. *O Brasil dobrou à direita*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

NOBRE, Marcos. *Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2022.

NORRIS, Pippa. A tese da “nova clivagem” e a base social do apoio à direita radical. *Opinião Pública*, v. 11, n. 1, p. 1-32, 2005.

ORELLANA, Pía. José Antonio Kast: ¡Con los niños no se metan!. *El Líbero*, 4 sept. 2018. Disponível em: <<https://ellibero.cl/columnas-de-opinion/jose-antonio-kast-con-los-ninos-no-se-metan/>>. Acesso em: 18 dez. 2023.

PANIZZA, Francisco. Introduction: populism and mirror of democracy. In: PANIZZA, Francisco (Ed.). *Populism and the mirror of democracy*. London: Verso, 2005.

PERUZZOTTI, Enrique. Populism as democratization’s nemesis: the politics of hybridization. *Chinese Political Science Review*, v. 2, n. 3, p. 314-327, 2017.

PERUZZOTTI, Enrique. Laclau’s theory of populism: a critical review. In: DE LA TORRE, Carlos (Ed.). *Routledge handbook of global populism*. New York: Routledge, 2019, p. 33-43.

- PRATT, John. Populismo Penal. *Revista de Ciencias Penales*, v. 41, n. 4, p. 43, 64, 2014.
- PRATT, John; MIAO, Michelle. Penal Populism: the end of reason. *Nova Criminis*, v. 9, n. 13, p. 71-105, 2017.
- ROCHA, Camila. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância? In: SOLANO, Esther (Org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 47-52.
- ROCHA, Camila. *Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil*. São Paulo: Todavia, 2021.
- ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal. La (sobre)adaptación programática de la derecha chilena y la irrupción de la derecha populista radical. *Colombia Internacional*, v. 99, p. 29-61, 2019.
- SOSCHAN, Nitzan. Epílogo: desafíos comparativos en el estudio de la ultraderecha. Una mirada desde Europa. *Población & Sociedad*, v. 28, n. 2, p. 127-137, 2021.
- STEFANONI, Pablo. *¿La rebeldía se volvió de derecha?* Buenos Aires: Siglo XXI, 2021.
- TORMEY, Simon. *Populismo: uma breve introdução*. São Paulo: Cultrix, 2019.
- URBINATI, Nadia. Political theory of populism. *Annual Review of Political Science*, v. 22, p. 111-127, 2019.
- VIEIRA, Henrique. Fundamentalismo e extremismo não esgotam experiência do sagrado nas religiões. In: SOLANO, Esther (Org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 91-96.
- VOMMARO, Gabriel. Elecciones Argentina 2023: la política amenazada por la crisis económica. *Revista Más Poder Local*, v. 54, p. 154-159, 2023.
- VON BEYME, Klaus. Right-wing extremism in post-war Europe. *West European Politics*, v. 11, n. 2, p. 1-18, 1988.
- ZANOTTI, Lisa; ROBERTS, Kenneth. (Aún) la excepción y no la regla: la derecha populista radical en América Latina. *Revista Uruguaya de Ciencia Política*, v. 30, n. 1, p. 23-48, 2021.

*Artigo recebido em: Dezembro/2023*

*Aprovado em: Março/2024*

**Rodrigo Mayer** ([mayer.rrm@gmail.com](mailto:mayer.rrm@gmail.com)) é bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre em Ciência Política pela UFPR, doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com doutorado sanduíche na Universidade de Salamanca, na Espanha. Também possui estágio pós-doutoral em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é professor de Ciência Política na Universidade Estadual de Londrina (UEL).



### Direita populista radical na América Latina: os casos da Argentina, Brasil, Chile e El Salvador

**Resumo:** O século XXI viu a consolidação da direita populista radical como uma força política relevante. Nas duas últimas décadas, o radicalismo de direita chegou ao poder em diversas nações do planeta, como Estados Unidos, Reino Unido, Hungria, Polônia, entre outras. A América Latina também esteve participando desta onda com governos extremistas na Argentina, Brasil e El Salvador, além de expressiva votação no Chile. Este artigo tem como principal objetivo examinar a origem e as características centrais do discurso da direita populista radical em quatro países latino-americanos (Argentina, Brasil, Chile e El Salvador) por meio de uma revisão crítica da bibliografia. Argumento que os radicais populistas de direita compartilham alguns aspectos, como a retórica populista, ao mesmo tempo, em que as questões locais exercem grande impacto sobre suas estratégias.

**Palavras-chave:** América Latina. Direita radical. Populismo. Direita. Partidos políticos.

### Radical populist right in Latin America: the cases of Argentina, Brazil, Chile and El Salvador

**Abstract:** The 21st century has seen the consolidation of the populist radical right as a relevant political force. In the last two decades, right-wing radicalism has come to power in several nations on the planet, such as the United States, the United Kingdom, Hungary, Poland, among others. Latin America was also part of this wave, with extremist governments in Argentina, Brazil and El Salvador, as well as a substantial number of votes in Chile. The main purpose of this manuscript is to examine the origin and central characteristics of the radical populist right's discourse in four Latin American countries (Argentina, Brazil, Chile and El Salvador) through a critical review of the bibliography. The main argument of this work is that right-wing populist radicals share some aspects such as populist rhetoric, but local issues also have a major impact on their strategies.

**Keywords:** Latin America. Radical right. Populism. Right. Political Parties.